

**CORPOS QUE LEMBRAM,
GESTOS QUE
PERMANECEM: MEMÓRIA
COLETIVA E TRANSMISSÃO
INTERGERACIONAL NAS
PRÁTICAS CORPORAIS NA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE
MOCAMBO - OURÉM/PA**

**BODIES THAT REMEMBER, GESTURES THAT STAY: COLLECTIVE MEMORY
AND INTERGENERATIONAL TRANSMISSION IN BODY PRACTICES IN THE
QUILOMBOLA COMMUNITY OF MOCAMBO - OURÉM/PA**

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 27/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792990146](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792990146)

Sthefane Lorrane Marinho do Nascimento¹

Keila de Paula Fernandes de Quadros²

Daniel dos Santos Fernandes³

RESUMO

O presente artigo teve origem na Comunidade Quilombola de Mocambo, situada no município de Ourém/Pará, e surgiu do interesse em compreender as práticas corporais inseridas na cultura local. Na comunidade, existem duas práticas vivenciadas historicamente pelos moradores e entrelaçadas por diferentes gerações, a saber: a Brincadeira do Boi-Bumbá e a Dança das Cirambas. Nesse contexto, objetivamos investigar, a partir das memórias e experiências dos moradores, como essas práticas corporais atravessam diferentes gerações, revelando modos de transmissão, permanências e transformações da vida cultural comunitária. Para isso, adotamos uma abordagem qualitativa com perspectiva etnográfica, em que a pesquisa se desenvolveu mediante entrevistas com os sujeitos protagonistas dessas vivências, o uso da fotografia como recurso textual imagético, além da presença de diários de campo. As narrativas e experiências dos atores sociais envolvidos revelaram que as práticas corporais pertencentes à cultura do Mocambo são compreendidas como expressões da memória coletiva, enfatizando a continuidade e os modos pelos quais esses saberes tradicionais foram e são compartilhados e ressignificados na comunidade.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola; Corpos; Cultura; Danças; Brincadeiras.

ABSTRACT

This article originated in the Quilombola Community of Mocambo, located in the municipality of Ourém/Pará, and came from an interest in understanding the bodily practices embedded in the local culture. In the community, there are two practices that have been historically experienced by the residents and passed down through different generations, namely: the Boi-Bumbá Play and the

Cirambas Dance. In this context, our goal is to explore, based on the residents' memories and experiences, how these bodily practices span across generations, revealing ways of transmission, continuities, and changes in the community's cultural life. For this, we adopted a qualitative approach with an ethnographic perspective, where the research was carried out through interviews with the people at the center of these experiences, the use of photography as an image-based textual resource, as well as the presence of field diaries. The narratives and experiences of the social actors involved revealed that the body practices belonging to the Mocambo culture are understood as expressions of collective memory, emphasizing the continuity and the ways in which these traditional knowledges have been and are shared and reinterpreted within the community.

Keywords: Quilombola Community; Bodies; Culture; Dances; Games.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são grupos sociais com trajetórias históricas próprias, cuja atuação é fundamental para a valorização da memória e a continuação dos saberes tradicionais. Reconhecidas por sua profunda ligação com a ancestralidade e a resistência, cultivam práticas culturais, tradições e modos de vida que, transmitidos de geração em geração, constituem os pilares da preservação e da identidade quilombola (O'Dwyer, 2002).

Essa perspectiva dialoga com Arruti (2006), ao descrever que as comunidades quilombolas constroem e expressam suas histórias por meio de práticas, saberes e experiências compartilhadas entre seus moradores. Essa reflexão permite entender que o corpo quilombola produz conhecimentos e expressa subjetividades que se

manifestam nos festejos, nas danças, nas celebrações e na religiosidade, mantendo-se vivo e resistente nesse universo cultural.

É nesse contexto que se insere a Comunidade Quilombola de Mocambo, lócus deste presente estudo, localizada a aproximadamente 3 km do município de Ourém no Estado do Pará. A comunidade é conhecida pela presença de práticas culturais dançantes, festivas e religiosas que fazem parte dos modos de vida locais (Silva *et al.*, 2019). Entre essas manifestações pertencentes à história desses quilombolas, destacam-se a Brincadeira do Boi-Bumbá e a Dança das Cirambas, práticas criadas para a diversão na comunidade e que, embora vivenciadas de diferentes maneiras ao longo do tempo, continuam encontrando espaço nas experiências das gerações atuais.

Para tanto, mediante esses corpos que dançam e brincam, buscamos resgatar as lembranças dos moradores mais velhos sobre como eles vivenciavam essas práticas corporais e culturais na comunidade. Outro ponto em questão é compreender como elas atravessam gerações, quais as mudanças que ocorreram e como se encontram hoje em dia, principalmente, em como ocorre o processo de transmissão desse saber para os membros mais novos. Por isso, destacamos a importância de trazer os participantes envolvidos nas práticas atuais e como repassam o conhecimento que foi adquirido com outros moradores.

A partir das relações entre memória, vivências e continuidade, o estudo objetivou investigar, a partir das memórias e experiências de moradores da Comunidade Quilombola de Mocambo, como as práticas corporais atravessam diferentes gerações, revelando modos

de transmissão, permanências e transformações da vida cultural comunitária.

Para nos aproximarmos dessas experiências, realizamos uma pesquisa qualitativa, com aspectos do método etnográfico, que na visão de Santos (2021) busca o aprofundamento dos significados dos fenômenos vividos pelas pessoas, assim como um processo de aproximação e partilha de saberes entre o pesquisador e os sujeitos do local investigado.

Nesse sentido, utilizamos entrevistas abertas com sete moradores (seis mulheres e um homem) da comunidade que ocorreram a partir de uma pesquisa de campo, realizada entre os meses de maio a setembro do ano de 2026. Os diálogos foram conduzidos de forma livre, permitindo que os sujeitos expressassem suas percepções e subjetividades; assim, para conferir destaque a essas narrativas, optamos por grafar os trechos de fala em negrito. A autorização e o consentimento para o uso das gravações e imagens foram solicitados e concedidos pelos participantes do estudo, conforme a Resolução nº 510 (Brasil, 2016) sobre pesquisas com populações tradicionais.

Além das entrevistas, recorreremos ao uso da fotografia, pois acreditamos ser um recurso metodológico que dialoga diretamente com o texto escrito. Sustentamos esse argumento com base no que descrevem Fernandes e Fernandes (2019, p. 74) em relação a esse instrumento:

“Este caminhar do uso da fotografia se faz até hoje a partir da tensão causada pela possibilidade desta integrar a escritura acadêmica, não mais como mero instrumento ou ilustração, mas como outra escritura, não excludente, mas em diálogo com a escrita, e que consiga visibilizar de que forma as subjetividades são objetivadas.”

Adicionalmente, descrevemos fatos observados e que foram registrados em diários de campo, destacando-se por serem relevantes na produção do conhecimento (Cachado, 2021). Os participantes são moradores mais velhos que vivenciaram as práticas locais antigamente, bem como os mais novos que estão envolvidos com as atividades culturais atuais. A escolha dos participantes ocorreu mediante a indicação dos próprios moradores que reconhecem as pessoas que participaram e as que ainda estão envolvidas nas práticas culturais.

A MEMÓRIA E OS LAÇOS CULTURAIS: A BRINCADEIRA DO BOI-BUMBÁ E A DANÇA DAS CIRAMBAS NO MOCAMBO

Os corpos quilombolas que dançam e brincam manifestam suas histórias pela escuta, presença e laços comunitários. As práticas corporais presentes nesses territórios são vistas como expressões simbólicas que representam a resistência de seus ancestrais. Por vezes, esses saberes foram e ainda são silenciados e invisibilizados, mas que permanecem guardados na memória e são refletidos no dia a dia desse povo (Gomes; Sousa Filho; Freitas, 2024).

Nesse diálogo, é importante entender a respeito da memória que se constituiu na Comunidade Quilombola de Mocambo. Para Halbwachs (1968) a memória coletiva é uma reconstrução dos fatos,

pois une o passado ao presente e permanece viva na cultura e identidade dos grupos sociais. Na comunidade Mocambo, nota-se que as lembranças das vivências nas brincadeiras festivas e dançantes são coletivas e se conectam a cada relato dos participantes da pesquisa.

Segundo nossos registros no diário de campo (2026), obtido por intermédio de diálogos informais e visitas às casas dos entrevistados, essas manifestações que os quilombolas do Mocambo denominam como brincadeiras, originaram-se a partir da necessidade de entretenimento e sociabilidade entre os membros, em uma época em que o trabalho agrícola era mais intenso.

Para enfatizar a respeito disso, apoiamo-nos no conceito de brincadeira nas comunidades tradicionais descrito por Beltrão (2003, p. 47):

“Brinca-se ou diverte-se quando se conversa à soleira das portas ou no bar da esquina; se dança forró, no arrasta-pé ou no brega; se vai aos ofícios religiosos encontrar os amigos, participar da procissão, assistir ao batuque; se vai à praça, ao cinema, à arena, ao estádio, ao circo; enfim quando se ‘mata o tempo’ em busca de se distrair e de espairecer. A brincadeira é o correspondente nativo de lazer, é o lazer na perspectiva do especialista popular”.

As brincadeiras nos territórios tradicionais constituem verdadeiros espaços de afirmação identitária, ao reforçar a convivência e resultar no equilíbrio das relações humanas. No Mocambo, atualmente, o Boi-Bumbá é conhecido como “Flor do Campo”, cujo o propósito é refletir o cotidiano vivido por eles no território, apresentando personagens característicos como, o vaqueiro, o folharal, o pai

Francisco, a Catirina, o caboquinho, dentre outros. A musicalidade se mostra expressiva, com toadas cantadas e feitas por eles, e a utilização de instrumentos como tambores, pandeiros e chocalhos (Diário de campo, 04.07.2026).

Em relação às Cirambas, a prática traz elementos das danças de roda, com uso de saias rodadas e movimentos circulares, sendo atualmente praticada por um grupo composto por dez mulheres adultas. Além disso, há a presença de um grupo infantil na comunidade que é praticada por ambos os sexos, totalizando dez meninas e dez meninos. O propósito da Ciramba infantil é introduzir para as crianças a importância de conhecer os costumes e crenças que são típicos de seu território (Diário de campo, 03.07.2026).

Observamos também a presença dos laços comunitários construídos por meio dessas manifestações e o papel que eles assumem na preservação da memória da comunidade. Em consonância com a perspectiva de Hampâté Bâ (2010) a transmissão desses saberes corporais ocorre na vivência compartilhada, fato que foi descrito por um de nossos entrevistados. Assim, entre diferentes corpos, movimentos, idades e interações, essas práticas continuam vivas no cotidiano cultural.

Ao decorrer das visitas a campo e entrevistas realizadas no Mocambo, buscamos compreender como esses saberes culturais são vivenciados e significados pelos membros da comunidade. Desse modo, torna-se necessário evidenciar os diferentes contextos em que esses saberes são produzidos e compartilhados, bem como as dinâmicas envolvidas em sua continuidade, transformação ou resignificação ao longo do tempo. Isso contribui para a

identificação de conhecimentos, valores, formas de expressão e transmissão cultural associados a essas manifestações.

As narrativas evidenciaram não apenas os espaços do território, mas revelam aspectos importantes da história de construção da comunidade, o cotidiano dos moradores e as formas de organização social. Ao observar esses discursos, notamos que os moradores compartilham tradições que perpassam gerações, destacando elementos que expressam o pertencimento e as relações quilombolas, marcados pela valorização de sua cultura, de seu território e de seus saberes tradicionais.

O CORPO QUE LEMBRA: A CONTAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS VIVIDAS PELOS MORADORES MAIS VELHOS DA COMUNIDADE

Existe lembranças que permanecem guardadas no corpo, e ao pedir para os moradores mais antigos da Comunidade Quilombola de Mocambo recordarem os tempos passados, observamos que eles recuperam pessoas, em especial os laços familiares, lugares, gestos, músicas e modos de brincar que fizeram parte de suas infâncias e de sua convivência comunitária.

O trabalho em campo também foi constituído pelo acolhimento e partilhas durante as entrevistas a respeito da rica cultura do local. A fotografia registra a entrega de um colar confeccionado com jornal e miçangas pela própria entrevistada como presente para uma das pesquisadoras, configurando-se como um gesto de afeto e retribuição pela visita em sua residência. Mais que narrar suas vivências sobre as práticas corporais quilombolas, por vezes, os moradores demonstraram respeito e gratidão pelos diálogos que os faziam retornar às suas infâncias.

Figura 1. Presente entregue por uma moradora durante o diálogo na comunidade



Fonte: as autoras (2026)

Em complemento ao recurso imagético, as narrativas revelaram que brincar, dançar e cantar constituíam experiências compartilhadas entre crianças e adultos. As lembranças da entrevistada 1, por exemplo, conduzem à infância vivida junto à família e à comunidade, na qual a mãe chamava várias crianças e elas se reuniam para brincar. Ela também recorda as meninas usando “saia de crepom” e as brincadeiras acontecendo dentro da própria comunidade:

“A gente brincava e dançava quando chamava, quem soubesse uma cantiga, eu cantava quando minha mãe me ensinava quando eu era criança. Minha mãe brincava de comédia. Nós meninas era pronta com aqueles saião de crepom, a saia grande.”

- Cantava e dançava?

“Era! Minha mãe brincava de comédia.”

(trecho da conversa com a entrevistada 1 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Este conjunto de representações do passado é compartilhado de forma contínua e viva, já que a memória deixa de ser algo restrito ao passado e passa a ser fundamental para a continuidade dos saberes culturais. Além disso, a memória requer um espaço físico e socializado, e, no contexto quilombola, torna-se um receptáculo de lembranças e sentimentos de pertença ao território. O pensamento de Nora (2012) elucida que a memória é aberta à evolução, perpetuada por laços afetivos e gestos, e transmitida de maneira espontânea entre os atores sociais.

No entanto, os moradores da comunidade buscam retomar e repassar aos mais novos seus costumes e tradições, conforme esclarecem em suas narrativas. A memória surge como algo vivido corporalmente e compartilhado nas vivências comunitárias, especialmente por meio da brincadeira, da dança e do canto.

Ao revisitar os acontecimentos vividos no local, a fotografia mostra que a participante mobiliza não apenas a fala, mas também os gestos que acompanham sua narrativa. O movimento da mão registrado na imagem simboliza a expressão corporal ao retornar às suas lembranças compartilhadas durante a conversa. Nesse momento, percebemos que o corpo quilombola por meio da sua gestualidade e oralidade acompanha as experiências que integram a memória coletiva do território.

Figura 2. Gestualidade expressa durante o diálogo com a moradora e presidente atual da comunidade



Fonte: as autoras (2026)

Em diálogo com a imagem, as entrevistas constituíram espaços de escuta e rememoração, nos quais as narrativas dos moradores se entrelaçaram aos gestos e às expressões corporais, revelando diferentes maneiras de compartilhar as memórias e os saberes culturais. Em relação às práticas culturais existentes na comunidade atualmente, a entrevistada 2 explicou que a comunidade apresenta duas danças que são originárias de lá, na qual perpassou por diversas gerações e nos tempos atuais a tradição ainda permanece viva. Assim, mais adiante, outros entrevistados abordaram como ocorre nos tempos atuais do território.

Sobre as práticas culturais da comunidade?

“Tem as Cirambas, tem o Boi Bumbá que é tradição mesmo, todo ano tem.”

É típico daqui?

“É típico daqui, surgiu aqui. Por exemplo, o Boi ele é desde lá dos primórdios que veio passando, porque segundo os nossos avós eles falavam que não tinham o que fazer assim de aparelhagem, então eles começaram a fazer essas brincadeiras. Aí tinha

brincadeiras de roda, eles pegavam lata de querosene pra fazer tambor, pegavam couro dos animais para fazer os tambores, tora de pau pra fazer os tambores e maracá.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 2 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 30.05.2026)

A entrevistada 3 lembrou que a comunidade tinha um viés festivo e que participavam diversas pessoas, independente da faixa etária:

Você brincava, dançava quando era mais nova?

“Eu era 'traquina'! nós fazíamos brincadeiras, era muita criança, muito adulto, as crianças subiam no palanque lá em cima, aí cantavam [...] Nós gostava muito de fazer festa, era festa em cima de festa, quadrilha, mas era tudo de respeito.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 3 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Nas reflexões propostas por Santos (2021), o desenvolvimento das comunidades tradicionais envolve os laços culturais e afetivos presentes nas práticas corporais. Ao recorrer às memórias de moradores mais antigos das comunidades quilombolas, Veloso e Carvalho (2020) enfatizam a busca por trazer visibilidade a esses sujeitos, protagonistas de suas histórias, além de apreender os sentidos atribuídos a essas experiências de vida. A memória também se torna importante no processo de transmissão dos saberes, sendo fundamental para a presença das manifestações culturais nos territórios.

Nessa perspectiva, as narrativas dos entrevistados 4 e 5 destacaram que a cultura do Boi-Bumbá é construída por meio de uma memória geracional, na qual a prática é associada às figuras de avôs, pais e filhos, bem como ratificou a entrevistada 2 a respeito do início das práticas na comunidade. Mais do que indicar uma data precisa para seu surgimento, os relatos evidenciaram uma continuidade construída pela transmissão e pela participação desde a infância. Logo, a entrevistada 4 afirmou que a existência do Boi-Bumbá iniciou com um membro familiar e o conhecimento foi repassado até os dias atuais:

Há quantos anos o boi já existe?

“Olha já faz tempo, porque foi meu avô que fez, ele começou, aí depois veio para o meu pai, quando ele morreu já tinha 70 anos, eu já vou fazer 58 e participo desde criança.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 4 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

Ao fazer o mesmo questionamento ao entrevistado 5, no que tange ao início, ele reafirmou:

Foi o seu pai que criou essa cultura aqui na comunidade?

“Foi o meu avô.”

Já tem quantos anos do Boi?

“Iiih, tem muitos anos, porque eu tô com 56 anos.”

Então esse boi já tem mais de 70 anos?

“Tem, ou bem mais, aqui na cultura do Mocambo. Porque meu pai já dizia que faz tempo que o pai dele fazia a brincadeira. Então ele contava que brincava com o pai dele desde menininho também, aí quando ele morreu já estava com 66 anos.”

(Trecho da conversa com o entrevistado 5 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

Entretanto, abordou também a problematização em conseguir acompanhar o pai nas apresentações fora da comunidade:

Na sua infância o senhor brincava muito no boi ou era só os adultos?

“Brincava, naquele tempo era mais difícil, mas quando era por aqui a gente brincava. Eu gostava demais de acompanhar o papai nas brincadeiras [...] eu participo do Boi Bumbá desde criança, quando o papai era vivo eu acompanhava ele aqui por perto.”

(Trecho da conversa com o entrevistado 5 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 05.07.2026)

As lembranças compartilhadas por esses moradores reacendem as brincadeiras que em grande parte do tempo eram rotineiras na comunidade, e trazem consigo as pessoas nas quais foram responsáveis pelos aprendizados das práticas. A memória, dessa forma, permanece inseparável da convivência e do que é vivido hoje pelos demais moradores. É justamente nessa passagem que se abre o caminho para entender como esses saberes percorrem por diferentes gerações.

O APRENDIZADO PELA CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA: OLHARES, EXPERIÊNCIAS E EXPRESSÕES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As lembranças dos moradores mais antigos demonstraram que as práticas corporais permanecem vivas na comunidade, sendo compartilhadas, com o passar dos anos, entre diferentes gerações. Tais percepções mostraram que esses saberes não surgem de forma isolada da vida cotidiana, visto que o aprendizado entre os membros acontece por meio das observações e das experiências compartilhadas.

No âmbito da Comunidade Quilombola de Mocambo, concebemos que os laços familiares são vitais para o resgate das manifestações culturais. Como afirma Costa (2015), a cultura e a literatura orais de caráter popular fundamentam-se na sua profunda articulação com uma comunidade narrativa.

Paralelamente a isso, a imagem abaixo ilustra o momento em que o diálogo se estendeu para fora da casa de uma das moradoras, em um gesto em que a própria sujeita mostra a uma das pesquisadoras suas plantações e seu trabalho diário com o uso de ervas medicinais, enquanto comenta a respeito das vivências culturais.

Figura 3. Moradora mostrando suas plantas durante o diálogo na comunidade



O corpo quilombola encontrava no labor uma forma de aprendizado concebida pela escuta e pela atenção ao que os adultos expressavam naquele tempo em que as oportunidades de participação eram mais restritas, como veremos nas narrativas a seguir.

Ao refletir sobre os caminhos de transmissão e apreensão desses saberes por esses sujeitos mais velhos, a entrevistada 1 relata que esse conhecimento foi repassado por membros familiares e principalmente pela presença de um membro familiar como autor das brincadeiras:

Quem ensinava pra vocês essas danças?

“Era a tia Augusta, mas ela morreu, era a minha cunhada. Ela ensinava pra Dalva, nesse tempo ela era pequena e com as outras moças. Ela fazia muitas brincadeiras pra nós, fazia comédia e festejava dia sete de setembro, meu marido fazia shows, ele aprendeu pra ser coordenador e fazia show, brincava.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 1 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Nesse contexto, aprender as práticas também significava vivê-las, e a transmissão dos saberes culturais ocorria pela convivência e pela participação, tendo pessoas mais experientes, como citado pela participante da pesquisa, como referências para as gerações mais novas. Inferimos que o aprendizado não acontecia por momentos formais ou em espaço específico para serem transmitidos, mas sim nas próprias brincadeiras, comédias e festejos comunitários que os adultos realizavam, resultando no ensinamento aos mais novos.

Nas comunidades tradicionais, os saberes emergem da própria experiência e da vida cotidiana. Essa dimensão se revela na fala do entrevistado 5, que rememorou o aprendizado ao lado do pai, absorvendo o canto enquanto o acompanhava no trabalho:

O senhor desde criança já foi aprendendo... foi repassado essa cultura?

“Naquele tempo a gente começou a trabalhar cortando arroz, trabalhando na roça, aí ele ia cantando e eu ia aprendendo, trabalhando e cantando, e assim eu me acostumei. Hoje quando vou trabalhar sozinho começo a cantar.”

(Trecho da conversa com o entrevistado 5 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

É perceptível que aquele aprendizado na presença da figura paterna continua sendo perpetuado, por mais que não esteja mais acompanhado dele. O canto passou a acompanhá-lo de modo individual por meio do labor, porém como um processo incorporado

e ressignificado pelo próprio sujeito, atravessando diferentes fases de sua vida e encontrando um lugar nas práticas culturais atuais.

Como sinalizam Santos e Cazumbá (2022), a tradição oral não se restringe a falas, mas envolve os gestos, cantos, danças e rituais, por exemplo. Compreendemos que as práticas corporais não são fatores somente de entretenimento, pois refletem o cotidiano dos moradores e fazem parte da história cultural. É por meio disso que a cultura é dinâmica e fluida, já que se renova nas manifestações das comunidades.

A tradição repassada mediante a coletividade se torna relevante para a preservação da cultura, não só entre os moradores mais velhos, como também os mais novos. A entrevistada 7 explicou a respeito do aprendizado da Dança das Cirambas, na qual é atualmente responsável pela continuação dessa prática. De tal modo como os demais sujeitos da pesquisa que foram aprendendo com a convivência:

“De 2008 pra cá foi a professora Maridalva que despertou novamente, reiniciou, então aí começou essa terceira geração. Ela começou novamente a mostrar a Ciramba que foi daí que fui conhecer.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 7 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Nas narrativas, o aprendizado surgia por vivências concretas associadas aos membros que cantavam e dançavam e, muitas das vezes, sem perceber inspiravam e ensinavam os mais novos. Nesse viés, é comum observar aspectos importantes sobre como ocorre o aprendizado, como as práticas religiosas, festivais, celebrações e

ações sociais, pois é onde residem os significados e valores presentes nas tradições. Portanto, esses saberes circulavam na vida desses moradores que tinham contato com essas experiências, e hoje também apresentam o compromisso de transmitir aos mais jovens.

A RESSIGNIFICAÇÃO POR DIFERENTES GERAÇÕES: MUDANÇAS NAS PRÁTICAS CORPORAIS COM O PASSAR DO TEMPO

Se as lembranças dos tempos vividos na infância dos moradores permitem reviver as histórias de vida, e se os laços afetivos e a convivência comunitária se transformaram em aprendizado, as narrativas também mostram que mudanças ocorrem e ressignificam as práticas corporais e a cultura local. É no entrelaçar da permanência e da transformação dos diferentes tempos vividos pelos participantes mais velhos e mais novos que as percepções conferem sentido a esta pesquisa.

Conforme os sujeitos, os espaços coletivos e as experiências das distintas gerações, as atividades culturais da Comunidade Quilombola de Mocambo foram reorganizadas e recriadas, adaptando-se aos diferentes contextos, como explicitou a entrevistada 4:

Teve alguma mudança de antes pra hoje em dia?

“Sim, teve! Porque teve melhoras. Depois que meu pai morreu, meu irmão ficou de conta, nós todos na verdade.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 4 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

Percebemos o compromisso e as reestruturações coletivas em tornar as práticas contínuas, longe de se apagar na comunidade, mesmo com a ausência de alguns membros que deram origem às manifestações. A mudança é vista de forma positiva, pois a sabedoria foi repassada aos moradores, e as tradições se mantêm vivas justamente pelas recriações. A liderança das brincadeiras e danças derivam da responsabilidade compartilhada pelos grupos sociais/famílias.

Como aponta Dittrich (2007), as práticas culturais incidem na identidade de um povo, podendo ou não continuarem existindo ou sofrerem modificações em como são expressas. Assim, há a necessidade de um produto final para a cultura permanecer forte, como vemos na Comunidade Quilombola de Mocambo, o fato de essas heranças serem transmitidas pelas gerações que continuam efetivando as brincadeiras e danças nas datas festivas.

Quando criança, o entrevistado 5 destacou que apesar de ter aprendido e vivenciado as brincadeiras da comunidade, havia barreiras sociais para a participação fora, principalmente no que se refere aos meios de locomoção. Notamos que o acesso às práticas festivas não dependiam somente da vontade individual, todavia das condições da época. A melhoria nos meios de transporte trouxeram a democratização na participação das atividades culturais, na qual permitem hodiernamente aos moradores o envolvimento ativo na vida comunitária.

“Eu não ia muito porque naquele tempo era mais difícil, pau de arara... Hoje em dia eu vou de ônibus.”

(Trecho da conversa com o entrevistado 5 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

Mesmo com as dificuldades de deslocamento, em virtude da escassez de transportes públicos, vemos a persistência em continuar realizando as brincadeiras tanto na comunidade, quanto fora dela, o que torna perceptível as mudanças ocorridas para a continuação desta cultura local.

Hall (1997) descreve que as mudanças culturais na sociedade derivam de as tradições não serem fixas ou estáticas, mas ser um processo vivo que ressignifica com o passar dos anos. Essas transformações culturais nas comunidades tradicionais não apresentam o sentido de perda de essência, visto que é com os novos contextos, pessoas, recursos que a cultura permanece.

Visualizamos essa perspectiva ao observar as mudanças nas práticas corporais da Comunidade Quilombola de Mocambo com o tempo, em destaque a Dança Ciramba, já que antes os homens também eram protagonistas, no entanto, hoje em dia, somente mulheres participam.

“De acordo com o seu Ferreira que já faleceu ele era um dos da frente da comunidade, ele disse que essa Ciramba foi criada para divertimento das mulheres, porque nesse tempo ou cuidava de criança ou ia pra roça, não tinha energia, tinha que usar fogueira, lampião e então foi criada. Depois de uns tempos, das ladainhas, eles faziam as fogueiras e aí se divertiam dançando. São características daqui do interior, do povo agricultor, tem uns que é com roda diversificado e tem outras que não, são criatividade

momentâneas que foram de acordo com o que as mulheres foram vivendo aqui na comunidade.”

Até hoje é só mulheres que dançam?

“Antes já começavam com os homens, só que aí teve um tempo que dispersaram. Antes no meu tempo não foi explicado, então aí todo esse tempo que ficou dispersos assim não foi bacana porque a Ciramba não evoluiu.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 7 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Tal como exposto a dança surgiu como forma de divertimento, além de serem reflexos do dia a dia das mulheres no território. A prática cultural também aparece ligada aos espaços físicos e condições materiais daquele período. Essa sociabilidade surge vinculada a outros momentos coletivos, sobretudo religiosos, onde as pessoas se encontravam, produziam os seus saberes, formas de pertencimento e partilhavam experiências.

A história da Ciramba na comunidade é marcada por diferentes fases de participação e períodos de afastamento e retomada. Entendemos que a continuidade cultural necessita do resgate histórico dos membros, a exemplo seu Ferreira. Logo, as transformações vividas na Ciramba demonstra que a prática muda, reorganiza-se e encontra novas pessoas para vivê-la.

A PEDAGOGIA DO GESTO: TRANSMISSÃO DOS SABERES ENTRE GERAÇÕES

As práticas corporais pertencentes à cultura da Comunidade Quilombola de Mocambo atravessam gerações porque são lembradas, aprendidas e transformadas pelos sujeitos, assim, é no presente que essa continuidade as mantém existentes. O que foi vivido pelos moradores mais velhos encontram hoje as crianças e jovens que são protagonistas para a permanência cultural local, a partir dos saberes transmitidos, das experiências próprias adquiridas e dos novos sentidos e expressões corporais inseridos na comunidade.

As narrativas revelam o propósito e o compromisso de fazer com que a cultura não se apague do território, e para isso incentivam os mais jovens a participarem das atividades. É por meio da inserção das crianças que os gestos podem ganhar novas formas e assumirem lugares que antes pertenciam aos mais velhos. Nesse contexto, possibilita que elas conheçam a história da comunidade e reconheçam o que faz parte da sua identidade enquanto quilombola. Esse movimento faz com que as práticas corporais deixem de ser apenas um capítulo e se tornem de fato uma memória coletiva.

Para Leidens (2018) os saberes tradicionais inerentes às comunidades quilombolas estão atrelados à infância, o que torna importante ensinar as crianças sobre as tradições, seja por meio do processo de escolarização, quanto nas relações comunitárias. A partilha de histórias e costumes conectam os moradores à memória ancestral em comum. O pertencimento toma significado mediante as narrativas, relatos orais e vivências nas práticas culturais, reafirmando a identidade e trajetória dos grupos.

As narrativas mostram a forma em como são transmitidos esses saberes para os moradores mais novos nos tempos atuais, bem como a empolgação e incentivo que as próprias crianças despertam nas manifestações.

Em consonância com os relatos, a fotografia abaixo ilustra a presença de crianças da comunidade brincando ao ar livre, na qual suas liberdades e imaginações permitem pensar a brincadeira como parte das experiências, interações e aprendizado no universo infantil. A imagem convida a refletir os espaços e as relações sociais construídas nessa fase, marcada como um fator importante para a continuação dos saberes culturais da comunidade.

Figura 4. Crianças da comunidade brincando no parquinho



Fonte: as autoras (2026)

Ao articular às narrativas dos moradores sobre o Boi-Bumbá e as Cirambas, a imagem contribui para discutir a relevância da convivência entre gerações na transmissão dos saberes. Observamos que a perpetuação das tradições também depende dessa

pedagogia do gesto e das oportunidades de participação das novas gerações, como vemos no relato da entrevistada 6:

As crianças participam?

“Sim, participam. Agora esses dias teve uma festa ali na sede e eles dançaram.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 6 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

Conforme propõe Menezes (2025), é nas famílias que se inicia o processo de transmissão cultural de geração em geração, pois é onde estão os responsáveis pelos mais jovens. A base familiar possibilita a interação das crianças nas práticas corporais, por intermédio da participação delas na organização social da comunidade, bem como afirmou a entrevistada 4:

Vocês continuam repassando esse conhecimento?

“Sim, repassamos pra as crianças, pra nunca se perder. O flor do campo é registrado, ela tá registrado na cultura de Ourém, a gente participa do pavulagem. A gente convida os moradores da comunidade pra participar, um é o vaqueiro, o outro folharal, outro é pai Francisco, outro é Catirina, outro é caboquinho, nós não somos só dá família, somos da comunidade toda de quem queira participar.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 4 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

O entrevistado 5 destacou a respeito de envolver os demais membros do território, buscando dar oportunidade, pois a comunidade é formada por um só laço que consideram ser familiar:

“Aqui nós somos tudo uma família. Quem quer entrar na brincadeira a gente dá a oportunidade. Temos que ensinar as crianças se não acaba, a criança cresce e não sabe o que é boi Bumbá, o que é quadrilha, aqui nós passa tudo. As Cirambas são mais as mulheres, é bonita a apresentação delas. A gente incentiva as crianças e elas já vem incentivando a gente porque às vezes a gente vai para um canto e elas chegam na casa da minha irmã, 'quando é que nós vamos'? Aí ficam incentivando.”

(Trecho da conversa com o entrevistada 5 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 04.07.2026)

O relato demonstra que a iniciativa nem sempre parte dos adultos, evidenciando que essas práticas já se encontram enraizadas no cotidiano delas. O processo de ensino e aprendizagem acontece de forma recíproca, ao notar o entusiasmo e a cobrança estimulada pelos mais novos. A demonstração de afeto torna a tradição viva pois se torna a necessidade e desejo das novas gerações.

Para Santos (2026), as crianças também produzem cultura, não sendo apenas meros espectadores dos adultos. Por meio do brincar e da participação nas práticas festivas, contribuem para o seu desenvolvimento integral, e no ambiente quilombola, aprendem os hábitos culturais que representam os modos de vida na comunidade. Assim como foi apresentado pelos moradores mais velhos nas suas lembranças de infância, os saberes partilhados nem

sempre estão ancorados em espaços formais de ensino, mas na convivência comunitária.

Entretanto, a narrativa da entrevistada 7 revela haver uma organização das práticas corporais atualmente, sobretudo em relação às crianças e nas apresentações que ocorrem dentro e fora da comunidade. A demonstração de afeto se mostra presente ao afirmar que não considera o ensino como um trabalho formal, mas como um prazer, devoção e compromisso na permanência da cultura local. Além de prezar pela importância de ensinar a respeito da cultura e não apenas transmitir as práticas às crianças sem explicar o significado que elas trazem para o ser quilombola.

“Eu monto algumas apresentações culturais, a gente leva a cultura, o Carimbó, às vezes o Boi Bumbá a gente participa. Eu não considero um trabalho, porque eu amo fazer, mas estamos sempre ativos, ou a Ciramba das mulheres mais velhas, que a gente diz para adultos, ou as Cirambas infantil que é a parte que eu cuido, mas agora praticamente eu já tô cuidando das duas. A gente se apresenta quando tem por exemplo uma festa nas escolinhas, aí eles convidam. A última apresentação foi ali na escolinha de Ourém, lá o tema era proteger os animais, então a gente levou cinco animais, tipo um representando o coelhinho, a onça da bicharada do Boi Bumbá, o folharal, o gorelinha. Aí no meio da Ciramba nós fizemos a introdução dos animais, falando a importância de cuidar, não dar qualquer coisa, não matar, caçar.”

As crianças gostam?

“Bastante! É importante porque eles já vão aprendendo a importância da cultura que antes no meu tempo não foi

explicado.”

(Trecho da conversa com a entrevistada 7 na Comunidade Quilombola de Mocambo a 03.07.2026)

A intergeracionalidade vivida atualmente na Ciramba, entre as mulheres adultas e as crianças, evidenciam duas gerações distintas. Na Ciramba adulta composta por mulheres, inferimos que elas trazem consigo um conjunto de saberes da prática desde criança, já que a dança está presente na comunidade há muito tempo. Conforme descrito pelas moradoras entrevistadas, haviam diferenças, pois as práticas culturais refletiam o cotidiano, como o trabalho na roça, o trabalho doméstico e cuidado com os filhos. Ao observar a comunidade durante as visitas, notamos que esses fatores ainda estão presentes, todavia a prática cultural hoje em dia se volta mais para apresentações festivas em diversos lugares.

A Ciramba infantil praticada pelos moradores mais novos da comunidade, além de refletir o cotidiano, volta-se mais para temáticas específicas, a exemplo da narrativa, o cuidado com os animais, trazendo elementos da outra prática cultural da comunidade, o Boi-Bumbá, e trazendo mensagens importantes para o aprendizado das crianças. O diálogo com os espaços formais de ensino, a exemplo as escolas, reforça o valor que essa cultura representa aos moradores, especialmente na formação das crianças do Mocambo.

As narrativas nos mostram o comprometimento dos moradores na transmissão de seus saberes culturais que vão encontrando novas formas de serem reproduzidos com o tempo. Ao entrar em contato com novas pessoas, espaços e experiências diversas, as práticas

corporais se transformam e ganham novas dimensões. Nas percepções dos participantes, essa dimensão aparece quando falam das mudanças que as manifestações passaram e a preocupação em transmiti-las para dar continuidade à cultura da Comunidade Quilombola de Mocambo.

O CORPO QUILOMBOLA COMO LUGAR VIVO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

As reflexões tecidas ao longo deste texto revelaram que a vivência comunitária na Comunidade Quilombola de Mocambo é atravessada pela contínua presença das práticas corporais pertencentes à cultura do território. Ao relembrar a infância, os moradores mais velhos das tradições resgatam os gestos e ritmos que aprendiam em razão da convivência, em especial com os membros familiares. Apesar dos desafios diários enfrentados por eles, deram continuidade às tradições, ressignificando as práticas e adaptando-as conforme as diferentes gerações da comunidade.

O entusiasmo refletido no corpo infantil quilombola em participar e incentivar a realização das dinâmicas culturais, demonstra que esses costumes no Mocambo não se encontram inertes ao passado, e sim na constituição de afeto e pertencimento. Ao debruçar-se sobre o Boi-Bumbá e as Cirambas no que se refere aos diferentes modos vividos nessas celebrações, nas toadas cantadas, nos movimentos e apresentações realizadas, os moradores reconhecem o passado e encontram no presente novas possibilidades de criação e desenvolvimento das práticas.

Os corpos que hoje brincam, dançam, cantam e se expressam de outras maneiras próprias, além de carregarem seus aprendizados

construídos por meio do labor, da observação ou participação na história cultural da comunidade, acrescentam seus próprios gestos e significados de ser no mundo. O movimento desses corpos quilombolas nas Cirambas e no Boi-Bumbá simbolizam a questão identitária desse povo, marcado por uma cultura enriquecida por anos de existência e presente na memória coletiva.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUTI, José Maurício Andion. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: EDUSC, 2006.

BELTRÃO, Jane Felipe. Brincadeira ou lazer - um olhar antropológico.

LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, DOI: [10.35699/1981-3171.2003.1452](https://doi.org/10.35699/1981-3171.2003.1452). Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1452>. Acesso em: 1 out. 2026.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, Presidência da República [2016]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/normativas-conep>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CACHADO, Rita. Diário de campo: um primo diferente na família das Ciências Sociais. **sociol. antropol.**, v.11, n. 02, 2021. DOI: [10.1590/2238-38752021v11n2](https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n2). Disponível em: https://www.scielo.br/j/sant/a/nXMB9xWnGZmbHNqGf6MM6Ts/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 30 set. 2026.

COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. [Revista Sentidos da Cultura](#), v. 2, n. 2, p. 05-21, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/index>. Acesso em: 17 set. 2025.

DITTRICH, Alexandre. Sobrevivência ou colapso? B. F. Skinner, J. M. Diamond e o destino das culturas. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, n. 2, 252-260, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262545271_Sobrevivencia_ou_colapso_B_F_Skinner_J_M_Diamond_e_o_destino_das_culturas#ullTextFileContent. Acesso em: 19 set. 2026.

FERNANDES, Daniel dos Santos; FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Imagens e Palavras na escritura da Narrativa Etnofotográfica: Notações Metodológicas. **Revista Territórios e Fronteiras**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 72–89, 2019. DOI: 10.22228/rtf.v12i1.891. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/891>. Acesso em: 16 out. 2026.

GOMES, Eduardo da Silva Gomes; SOUSA FILHO, Hudson Nascimento de. FREITAS, Hugo Luiz Cordovil de Freitas. Práticas corporais, identidade cultural e políticas públicas na Comunidade Quilombola: o protagonismo dos movimentos sociais. **Nova Revista Amazônica**, v. 12, n. 3, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/hra/article/view/17617/11756>.

Acesso em: 04 out. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição oral. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

LEIDENS, Alexandre. A formação da identidade na Educação Escolar Quilombola. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.29327/216345.6.1-10. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/2293>. Acesso em: 21 set. 2026.

MENEZES, Leandra Luiza Gomes de. **Educação Escolar Quilombola**: diálogos entre saberes escolares e saberes tradicionais em uma escola municipal de Juçatuba, 2025. Dissertação (Programa de Pós graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica - PPGEEB) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 15 set. 2026.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SANTOS Eliziane Santos; CAZUMBÁ, Renailda Ferreira. Vozes ancestrais quilombolas: transmissão de narrativas e saberes tradicionais em comunidades tradicionais de Antônio Cardoso - BA. **Revista Léguas e Meia**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 13–34, 2023. DOI: 10.13102/lm.v15i1.9991. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/9991>.

Acesso em: 17 set. 2026.

SANTOS, Andez Nascimento dos. **Educação Infantil e tradições culturais na Comunidade Quilombola de Pimenteiras, Santa Luzia do Pará - PA**, 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Naturais) - Universidade Federal do Pará, Bragança, 2026.

SANTOS, Augusto Ventura dos. Etnografia é observação participante? Trabalhando com um método constitutivamente heterodoxo. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, v. 28, 2021. DOI: 10.4000/pontourbe.10089. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10089>. Acesso em: 30 set. 2026.

SANTOS, Mayana Fernandes dos. **Os laços culturais e a organização social como fatores para o desenvolvimento da comunidade Dona Juscelina em Muricilândia - TO**, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) - Universidade Federal do Tocantins – Campus universitário de Araguaína, Araguaína, 2021.

SILVA, Josiane Santos da; ANDRADE, Lene da Silva; SOUZA, Andrey Mendonça de; HALMENSCHLAGER, Fabio. Práticas produtivas da farinha de mandioca na Comunidade Quilombola Mocambo – Ourém – PA. **Nova Revista Amazônica**, v.9, n. 3, 2021. DOI: [10.18542/nra.v9i3.11723](https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11723). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11723>. Acesso em: 30 set. 2026.

VELOSO, Alessandra Pereira de Carvalho; CARVALHO, Nazaré Cristina. O entrelaçar das memórias de velhos quilombolas: brincadeiras e saberes. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 23, P. 67-79, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4601>. Acesso em: 15 set. 2026.

¹ Graduada em Licenciatura em Educação Física. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará/ Campus Castanhal. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará/ Campus Castanhal. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Doutor em Ciências Sociais/Antropologia. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará/ Campus Castanhal. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

